



Em São Gabriel da Cachoeira...



... unem-se em prol dos índios...



... missionários do Brasil e Venezuela

Yanomami une dois países

São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Missionários católicos, em sua maioria salesianos, que trabalham com o povo Yanomami no Brasil e na Venezuela, estiveram ali reunidos, de 6 a 9 de setembro pp. O encontro foi um esforço das Igrejas locais, tanto do Brasil quanto da Venezuela, de procurar a melhor maneira de contribuir com o processo de autodeterminação dos Yanomami. Ele visou também a repensar a prática missionária junto a esses índios, que constituem o mais numeroso povo indígena das Américas com o menor grau de interferência das sociedades nacionais envolvidas (no Brasil, são 11 mil; na Venezuela, 17 mil).

Na Venezuela, o trabalho pastoral e missionário com os Yanomami é feito basicamente pela Comunidade Apostólica do Alto Orinoco, através das missões Platanal, Ocambo, Mavaca e Mavaquita. Do lado brasileiro, há as missões do Catrimani, em Roraima (Padres da Consolata), e Maturacá e Marauíá, no Amazonas. O padre salesiano José Bortoli é o diretor da Comunidade Apostólica do Alto Orinoco. Entrevistado por PORANTIM, quando participava do encontro de São Gabriel da Cachoeira, Bortoli defendeu a unificação do trabalho missionário entre os dois países, para a defesa da integridade do território yanomami, e a criação de um parque indígena, pois, segundo ele, há problemas internacionais que precisam ser resolvidos. "Ver um Parque Yanomami unicamente no Brasil traria dúvidas sobre o futuro dos Yanomami na Venezuela. Entendo que há problemas na fronteira que cabem a ambos os países." Bortoli falou que a pastoral indigenista da Venezuela está seguindo muito atentamente os passos que estão sendo dados no Brasil para se conseguir o Parque Yanomami. "A mentalidade venezuelana é totalmente contrária à criação de reservas; menos ainda se isso soa a independência política, a autonomia política", dizia-nos ele.

Os Salesianos foram, aos poucos, modificando sua atitude diante do trabalho com os Yanomami. De uma pastoral sacramentalista, no início, partiram para uma revisão de todo o processo, assumindo atualmente uma postura mais solidária, de respeito e incentivo à perspectiva da organização indígena. Os missionários presentes ao encontro em São



Fotos: Egon Heck

Gabriel da Cachoeira definiram, como saída para a concretização de um trabalho evangelizador junto aos índios, a unificação de interesses, mentalidades, concepções de solidariedade à luta dos Yanomami. Entre os desafios a serem enfrentados encontra-se, segundo eles, o da conscientização dos próprios Yanomami, utilizando para isso, instâncias como escolas, reuniões e o processo em que eles mesmos tomam consciência da necessidade da luta pela terra.

Na Venezuela há um início, com o incentivo dos salesianos da Comunidade Apostólica do Alto Orinoco, de organização política com reuniões, duas vezes ao ano, de representantes de cada *xabono* (casa comunitária). A meta é partir para a criação de uma Federação Yanomami, como órgão que unifique as lutas isoladas dos vários *xabonos*. Alguns passos de articulação organizativa com outros povos indígenas já foram dados. Foi formada a Federação Indígena do Território Federal do Amazonas, havendo neste organismo um representante geral dos Yanomami. Entidades eclesiais e indigenistas venezuelanas vêm batalhando, junto ao Governo e à sociedade nacional, para que haja um reconhecimento jurídico dessa Federação.

Outra experiência interessante que os salesianos do Alto Orinoco desenvolvem é no campo da educação. Escolas biculturais e bilíngües e preparação de professores indígenas são alguns dos frutos da experiência educacional salesiana junto aos Yanomami. "A nossa escola, atualmente, está preocupada em dar aos Yanomami instrumentos culturais — a escritura e a leitura — de forma bilíngüe, para que eles consigam transmitir com esses instrumentos a sua cultura. Não podemos dizer até onde isso vai chegar; é como uma arma de

dois gumes, com que pode ser utilizada, como se utilizou, a escola como instrumento de destruição", dizia-nos Irmã Antonieta Amazonas, também da Comunidade Apostólica do Alto Orinoco. Padre Bortoli complementa as palavras da Irmã Antonieta:

"Eu diria que um dos princípios fundamentais dessa escolarização é que ela entra num contexto de educação muito mais amplo. Damos muita importância à educação informal, à socialização que a criança recebe do grupo nos primeiros oito anos. Isto é fundamental. A escola não começa antes dos oito anos. Há uma grande margem de liberdade quanto ao horário, à presença na escola. As atividades fundamentais, como a caça, a pesca, o conhecimento do meio ambiente e as técnicas de sobrevivência não sofrem interferências por parte da escola. Não há nenhum estímulo para que o índio esteja todos os dias na escola, não há nenhum meio alicianante."

A questão da educação foi um dos assuntos mais discutidos durante o encontro dos missionários que trabalham com os Yanomami no Brasil e na Venezuela. Foram avaliadas perspectivas, chegando-se à conclusão da necessidade de se unificar a grafia da língua yanomami. Outra conclusão importante do encontro foi a criação de uma comissão de trabalho, pelo território yanomami. Essa comissão teria um pouco a função de englobar os trabalhos de forma mais ampla pela criação do Parque Yanomami, em uma área contínua e contígua que englobasse tanto o lado brasileiro quanto o venezuelano. E, para dar continuidade a essas discussões de prática missionária, os religiosos já marcaram um outro encontro para janeiro de 1987. Será em Puerto Ayacucho, na Venezuela, com o tema "Identidade, cultura e religiosidade yanomami".

Criação de Parque é a exigência

São Gabriel da Cachoeira, 10 de setembro de 1985
Exmo. Sr. Presidente José Sarney

Nós, missionários das Missões de Catrimani (Roraima); Maturacá e Marauíá (Amazonas); Ocambo, Mavaca, Platanal e Mavaquita (Alto Orinoco — Venezuela), que estamos trabalhando entre os Yanomami no Brasil e na Venezuela, com a assessoria do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) de Brasília e de Manaus, e reunidos para avaliar a realidade atual do povo Yanomami e a nossa presença no meio deles, constatamos com preocupação as graves ameaças que põem em risco o futuro deles, tais como: invasões de terras por fazendeiros; invasões constantes, incontroladas e ilegais de garimpeiros; pressão de fortes interesses econômicos e de influentes políticos do Amazonas e de Roraima; a exploração atual de companhias de mineração, com duvidosas bases legais.

Pedimos que seja aprovada com urgência a proposta, encaminhada recentemente pela Presidência da Funai, em prol da criação do Parque Yanomami. Esperamos que esse novo curso, aberto pela atual política nacional, garanta os direitos das minorias étnicas indígenas.

Com deferências:

- Dom Miguel Alagna — Bispo da Diocese de São Gabriel da Cachoeira;
- Pe. Guilherme Damioli — Responsável pela Missão Catrimani;
- Pe. Luis Laudato — Diretor da Missão Marauíá;
- Ir. Antonieta Amazonas F.M.A. — Comunidade Apostólica Alto Orinoco;
- Victor Kameyama — Coordenador do Cimi Norte I — Manaus;
- Pe. Wálter Ivan de Azevedo — Provincial dos Salesianos — Manaus;
- Pe. Carlos Galli — Diretor da Missão Maturacá;
- Pe. José Bortoli — Diretor da Comunidade Apostólica Alto Orinoco;
- Ir. Clara Abad — Comunidade Apostólica Alto Orinoco;
- Egon Dionísio Heck — Secretário-adjunto do Cimi — Brasília